

A partir de 01.09.2000 este jornalinho (uma folha A4 dobrada ao meio) apresenta 4 páginas de texto. Continuou a ser acompanhado com dois cânticos, em folha à parte.

ECOS DA E.D.M.S.

Ano III

Coimbra, 1 de Setembro de 2000 H

N.º 1

EDITORIAL

Paulo VI (1963-1978) foi o Papa que conduziu o II Concílio do Vaticano ao seu termo e muito fez para lhe dar seguimento. Interessou-se verdadeiramente pela música na liturgia. É o Papa da Instrução “Musicam Sacram” que só aprovou em 9.02.1967, após a 12ª revisão do documento. Ao receber uns mil consagrados de várias Congregações e Institutos Religiosos, que participavam no Congresso nacional organizado pela Associação Italiana de Santa Cecília [=AISC], Paulo VI pronunciou o seu último discurso sobre Música Sacra. Foi publicado na edição portuguesa do “Osservatore Romano” (jornal oficial da Sé Apostólica), em 25 de Abril de 1971. As suas orientações claras valem tanto para italianos como para os povos de outras línguas. Este discurso não perdeu actualidade, antes, é um animador estímulo à acção e oferece uma segura base de apoio a quem se dedica a esta causa e tenha de enfrentar “assaltos” ou constatar a incompreensão ou a desconcertante permissividade de quem deveria estar vigilante. ECOS apresenta-o hoje aos seus leitores, acompanhado de um comentário do rev. Dr Manuel Faria (faleceu em 1983), na esperança de que seja “bem mastigado e bem digerido”.

O Director da EDMS

TESTAMENTO MUSICAL DE PAULO VI

Paulo VI (1963-1978) foi o Papa que conduziu o II Concílio do Vaticano ao seu termo e muito fez para lhe dar seguimento. Interessou-se verdadeiramente pela música na liturgia. É o Papa da Instrução “Musicam Sacram” que só aprovou em 9.02.1967, após a 12ª revisão do documento. Ao receber uns mil consagrados de várias Congregações e Institutos Religiosos, que

participavam no Congresso nacional organizado pela Associação Italiana de Santa Cecília [=AISC], Paulo VI pronunciou o seu último discurso sobre Música Sacra. Foi publicado na edição portuguesa do “Osservatore Romano” (jornal oficial da Sé Apostólica), em 25 de Abril de 1971. As suas orientações claras valem tanto para italianos como para os povos de outras línguas. Este discurso não perdeu actualidade, antes, é um animador estímulo à acção e oferece uma segura base de apoio a quem se dedica a esta causa e tenha de enfrentar “assaltos” ou constatar a incompreensão e a demolidora permissividade de quem deveria estar vigilante. ECOS apresenta-o hoje aos seus leitores, acompanhado de um comentário do Rev. Dr Manuel Faria (faleceu em 1983, na esperança de que seja “bem mastigado e bem digerido”).

«O vosso número, verdadeiramente notável, e sobretudo o significado do Congresso Litúrgico-musical, em que participastes, Religiosas encarregadas do canto, que viestes em grande número a esta Audiência, fez com que preferíssemos receber-vos à parte, esta manhã. E se, infelizmente, o tempo disponível não permite fazer-vos um discurso aprofundado sobre o tema do canto, que sempre Nos interessou e interessa, quisemos, igualmente, deter-Nos convosco, para vos manifestar a Nossa admiração, a Nossa gratidão e o nosso encorajamento pela obra que realizais nas vossas comunidades, assim como entre a juventude e nas paróquias.: obra de animação, de aperfeiçoamento, de elevação, de educação litúrgica e, portanto, de educação para a oração e o culto divino. Por conseguinte, é uma obra de verdadeiro, grande e necessário apostolado.

DIRECTRIZES DO CONCÍLIO

A vossa presença demonstra-Nos que não faltam talentos e forças para a renovação litúrgica, iniciada pelo II Concílio do Vaticano, e cuja continuação foi promovida pelos órgãos competentes da Santa Sé, por meio de directrizes sapientes. Não perdemos a ocasião de apoiar e sustentar as iniciativas em acto, de estimular todo o Povo de Deus a tomar parte activa nas celebrações litúrgicas, com a voz e com o canto, de confirmar, assim, a presença pessoal e íntima do Espírito, que é condição insubstituível para obter, na Liturgia, o encontro interior com Deus. Portanto, havendo um número tão elevado de Religiosas que se dedicam, com a sua experiência, com o seu bom gosto, com o seu estudo pessoal, a fazer viver e a manter as linhas mestras daquela renovação, na compreensão e no afecto do povo cristão, tudo isto só pode dar grande contentamento e merecer louvores sinceros. Na Igreja, diz Santo Ambrósio, pai e animador do canto litúrgico no Ocidente, “canta em coro o garbo harmonioso da plebe, e o seu júbilo ressoa em uníssonos” (Expos. Evang. sec. Luc., VII, 24, 1). Diz ainda, a respeito da eficácia do canto sacro em defesa da fé: “*quo nihil potentius*” – nada é mais eficaz do que ele (cf. S. Ambrósio, *Sermo contra Auxentium*, 34). Louvamo-vos, porque destes, à vossa consagração total a

Cristo, esta magnífica oportunidade de educardes para o canto e a liturgia, onde as almas se fundem no amor a Cristo, vivem dos seus mistérios, levam consigo o raio luminoso e a impressão de alegria e de paz, de modo a poder transformar a própria vida e a influir sobre toda a comunidade eclesial.

SENSUS ECCLESIAE

Queríamos fazer-vos uma recomendação: de terdes sempre, em primeiro lugar, como principal preocupação, para vós e para as outras almas, o *sensus Ecclesiae* [o sentir da Igreja], sem o qual o canto, em vez de ajudar a fundir os ânimos na caridade, pode, pelo contrário, ser fonte de descontentamento, de dissipações, de profanação do que é sagrado, e até de divisões na mesma comunidade dos fiéis. *Sensus Ecclesiae* quer dizer, para vós, haurir, na obediência, na oração e na vida interior, as razões nobres que elevam a vossa actividade musical; *sensus Ecclesiae* quer ainda dizer estudar a fundo os documentos pontifícios e conciliares para estardes continuamente actualizadas sobre os critérios que regulam a vida litúrgica.

Regozijamo-Nos, portanto, com a AISC e com o seu digno Presidente Nacional, Dom António Mistrorigo, por ter dado esta clara orientação ao Congresso. O lema “Amor e fidelidade à Igreja”, assim como a parte formativo-espiritual e a técnico-musical em que ele se divide, manifestam claramente que foi necessária a vossa obra no interior da Igreja. *Sensus Ecclesiae* quer dizer, por fim, discernimento no que se refere à música na Liturgia: nem tudo é válido, nem tudo é lícito, nem tudo é bom. Aqui, “*o sagrado*” deve juntar-se ao “*belo*”, numa síntese harmoniosa e devota, que permita às diversas assembleias exprimirem plenamente a sua fé, para glória de Deus e para a edificação do Corpo Místico, segundo a própria capacidade.

Sabei, portanto, fazer uma escolha primorosa, sábia e imparcial dos cânticos sacros, para que – guiadas pelas normas da Igreja, pela vossa sensibilidade litúrgica e, também, pelo estudo e pela educação do gosto – possais chegar definitivamente a um “*corpus*” de cânticos litúrgicos italianos, que nos decénios futuros estejam nos lábios e nos corações dos fiéis. A Constituição sobre a Sagrada Liturgia aconselha aos músicos “*Que as suas composições se apresentem com as características da verdadeira Música sacra... os textos destinados ao canto sacro, devem estar de acordo com a doutrina católica, e inspirar-se sobretudo na Sagrada Escritura e nas fontes litúrgicas*” (SC 121). Ora, será necessário verificar se as diversas composições sacras são verdadeiramente fiéis a estas normas: quanto à música, que não seja só inspirada na moda, tão mutável e, algumas vezes, privada de valor espiritual e também artístico. Preocupai-vos, portanto, em escolher, para a Liturgia, aquelas músicas em que, à concreta funcionalidade seja aliada a dignidade de arte e sensibilidade de oração. Quanto aos textos, o trecho citado pelo Concílio é explícito: procure-se, por conseguinte, obter composições verdadeiramente válidas, deixando aquelas expressões que, algumas vezes, não fazem honra nem ao conteúdo

sagrado nem à forma da língua italiana, revelando-se, nalguns casos, monótonas, vulgares, mais em forma de “slogan” do que oração.

ESCOLHA PRIMOROSA DOS CÂNTICOS

Outros textos e outras músicas que, sem ter a aspiração de ultrapassar as portas do templo, estejam de acordo com as exigências modernas, especialmente da juventude, poderão ser utilizadas noutras ocasiões, de distração alegre e ponderada, de encontros de reflexão e de estudo, de modo a corroborar com o canto as decisões e o fervor. Mas, na Liturgia, “*exercício da função sacerdotal de Cristo, (...) obra de Cristo sacerdote e do seu Corpo, que é a Igreja, ... acção sagrada por excelência*”(SC 7), deve escolher-se o que for mais apropriado ao seu carácter sublime e peculiar. È aqui que se deve exercer aquele *sensus Ecclesiae* que servirá para guiar o vosso juízo e as vossas escolhas.

Que a Virgem Maria e Santa Cecília vos guiem para conservardes intacta a vossa dedicação a Cristo Senhor, pondo totalmente ao seu serviço os dotes que vos deu. É o que pedimos para vós, a fim de vos conceder “a alegria do coração” (Ecli 50, 25) e, em seu Nome, Nós vos abençoamos a todas (...) fazendo votos por que chegueis a metas cada vez mais alegres e prometedoras.» θ

BREVE COMENTÁRIO

1.- VERDADEIRO APOSTOLADO. O primeiro pensamento para o qual nos permitimos chamar a atenção, sobretudo do Clero e da Hierarquia, é o de a Música Sacra ser «*uma obra de verdadeiro, grande e necessário apostolado*».

Conhecemos paróquias onde tal apostolado é o motor, alma e coração de toda a vivência cristã e outras onde a sua falta esteriliza, pelo menos em grande parte, o ingente trabalho dos pastores em múltiplos organismos, que assim mergulham na tristeza ineficiente.

2 – SENTIR COM A IGREJA. Como o Santo Padre está ao par das nossas desafinações, por vezes tão clamorosas, quando cantamos ou fazemos cantar por essas igrejas!

Se sentíssemos como Igreja, renunciando aos nossos pobres e pretensivos pontos de vista,, para seguir lealmente, sem sofismas nem subterfúgios, o espírito e a letra dos documentos conciliares – a *Constituição para a Sagrada Liturgia, a Instrução “Musicam Sacram”, a Instrução Geral do Missal Romano, a 3ª Instrução (“Liturgicae instaurationes”)* – automaticamente estavam sanadas todas as nossas polémicas e resolvidos todos os nossos problemas.

“SLOGANS” LITÚRGICOS. – Põe o Santo Padre o dedo numa chaga que, actualmente, só ele pode tocar sem perigo de agravamento e que urge, de facto, sanar. É o triste espectáculo da baixa qualidade estética de tanta produção pseudo-musical e litúrgica. O facto é tão evidente que alguns renunciam expressamente ao factor qualidade e tentam até justificar com subtis jogos de palavras uma tal posição. Eis por que o Santo Padre de novo insiste em que no referente à música sacra «*nem tudo é válido, nem tudo é lícito, nem tudo é bom*»,

senão que «o sagrado deve juntar-se ao belo, numa síntese harmoniosa e devota».

Mas, onde Paulo VI nos obriga até a olhar com mais cuidado (...), é quando nos acautela das «expressões que, algumas vezes, não fazem honra nem ao conteúdo sagrado nem à forma da língua (vernáculo), revelando-se, nalguns casos, monótonas, vulgares, mais em forma de “slogan” do que de oração». Sim: temos realmente de usar dos Salmos, por exemplo, sem cair na «salmódite» – na repetição monótona dos mesmos esquemas, dos mesmos pequeninos refrães, imitadores dos estribilhos da música ligeira na moda – e procurar mais a melodia propriamente dita, ao jeito tradicional (mas renovado...) do nosso povo (isto é, das diversas regiões e ambientes), assim como do “tesouro da música sacra”.

“Slogans” musicais – bem apanhado, na realidade!

A ESCOLHA PRIMOROSA DOS CÂNTICOS. – Não levem a mal que peçamos aos responsáveis pelas transmissões radiofónicas e pelas solenidades festivas das grandes igrejas, por essas cidades além, que leiam atentamente este último discurso do Santo Padre. Vejam bem o que fazem. Meçam as consequências. Reparemos de que espírito somos.

Ousamos elevar até uma palavra humilde e submissa, mas leal e responsável, para os nossos Reverendíssimos Prelados, alto-falantes da voz do Papa para as nossas terras e povos.

E a voz do Papa é esta – quando a ouviremos todos?

MANUEL FARIA



INFORMAÇÃO

| **VIVER É CRESCER** – Também se passará assim com o ECOS? Vai crescendo o número de leitores e de benfeitores. Agora, o número de páginas com texto e, contentando alguns, o tamanho do tipo de letra. Esperamos que se mantenha assim, pelo menos, enquanto for possível.

Os cânticos. Manter-se-á o envio de algum, mas agora em folha destacada. Os deste número, sobretudo os dois *Glória...*, encaixam bem nas celebrações do ano jubilar, dedicado à SS. Trindade.

| **CARTA DA GUIA** – Juntamente com uma oferta para ECOS, o nosso amigo Francisco Pinto deu sinais de vida: «Já quase passaram 10 anos e parece que foi ontem quando, com outros colegas de quem já tenho saudades, participámos na abertura da EDMS». E, depois de contar o que fazia antes, acrescenta: «Hoje, tenho uma Escola de Música (MELODIA) com uma boa quantidade de alunos, bem como um pequeno comércio de instrumentos musicais. Quanto à minha actividade na Música Litúrgica, sou director de coro e organista nas igrejas paroquiais de Guia, Ilha e Carriço. Tenho ainda a meu encargo os ensaios dos grupos corais nas capelas de Foz (Mata

